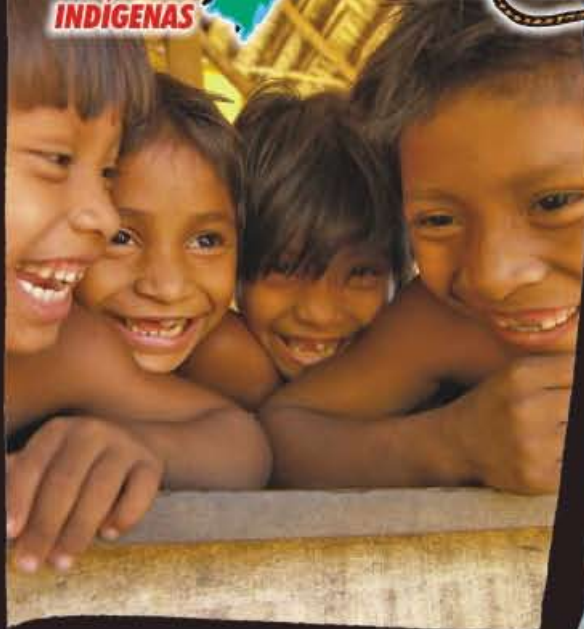




ISSN 1679-2335

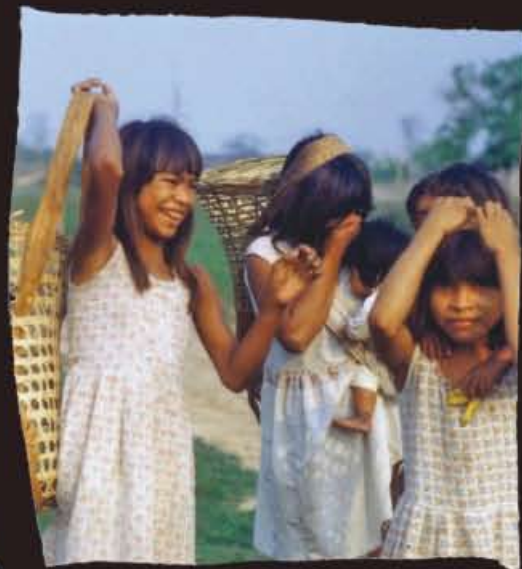
A SERVIÇO
DOS POVOS
INDÍGENAS

MARÇO / ABRIL - 2011
EDIÇÃO Nº 186



VIDA PARA TODOS E PARA SEMPRE

A Mãe Terra clama
pelo Bem Viver



A Semana dos Povos Indígenas chegou! E o que temos para celebrar? Muita coisa. Os Povos Indígenas, junto com as populações tradicionais (quilombolas e ribeirinhos) ainda hoje são os melhores guardiões da Terra e da Floresta. Estes povos não só resistem ao genocídio, à invasão e roubo de suas terras, ao constante discriminação. Eles persistem e resistem também aos múltiplos ataques contra seu espírito. Por exigir e procurar seus direitos, indígenas são presos, ameaçados, torturados. Muitos acabam sendo aliciados, subornados, cooptados, corrompidos.

Se é verdade que alguns tombam – física e espiritualmente – também é verdade que a grande maioria continua lutando por si e por nossa Mãe Terra. São povos indígenas que propõe o Bem Viver como modelo sócio-político-econômico mais viável, com futuro melhor para todos do que o de desenvolvimentismo. No Equador e na

Bolívia, o Bem Viver já é política de Estado, e está sendo discutido na Venezuela, Colômbia e Brasil.

Nosso planeta está na sua maior crise. Precisamos mudar nossa relação com a Mãe Terra. Que bom que temos os povos com histórias nesta edição do Mensageiro, e tantos outros. São como um farol que aponta a direção certa. Que todos os governos e líderes, todas as sociedades, todas as classes e raças aprendam esta grande lição!

Estamos no Ano Internacional das Florestas declarado pela ONU. A próxima edição do Mensageiro será sobre este assunto – As Florestas. Desde já convidamos todos a mandar fotos, desenhos, poesias, cantos, reflexões, histórias, mitos, artigos – tudo enfim – sobre este assunto para podermos partilhar, entender e ajudar outros entenderem melhor a importância das florestas.



Publicação do Conselho Indigenista Missionário

Esta Revista nasceu em 1979 por iniciativa de 5 tuxauas

É uma revista de: informação
formação e
intercâmbio a serviço
dos Povos Indígenas

ISSN 1679-2335

Correspondência para:

Caixa Postal 41

CEP 66.017-970 - Belém - Pará - Brasil

Telefone: (091) 3252 - 4164 | Fax: (091) 3252 - 2312

E-mail: cimiblm@amazon.com.br

Site: www.mutiraoamazonia.org.br



Instrumento usado pelos mensageiros no Alto Amazonas. Com ele avisavam as aldeias quando traziam notícias.

“Precisamos restabelecer um relacionamento de ternura com a Terra. E então sabemos o que fazer”

Dorothy Stang

UM RELACIONAMENTO DE TERNURA

“A criação geme em dores de parto!” diz a Bíblia. Será que são dores de parto? De nova vida nascendo? Ou seriam gritos de dores de uma terra agonizante? Em toda parte fala-se da crise climática, da crise ecológica. Há cientistas e historiadores que alertam que a natureza, a Mãe Terra, sempre superou as crises no passado. Talvez quem não sobreviva a crise atual sejam os seres humanos. E, de fato, os gritos e gemidos da Terra podem resultar em nova vida, novas formas de vida — sem os humanos que, de tanto maltratar a Terra acabam se matando. Foram os seringueiros que cunharam a frase agora tão famosa: “A morte da floresta é o fim de nossa vida.”

Com certeza a situação é grave. Todavia, se os humanos são a causa do grande problema, também podemos ser a solução, ou pelo menos ajudar na solução. E uma parte da humanidade está procurando exatamente isso, como o Mensageiro vem relatando há anos.

O Fórum Social Mundial:

No mês de fevereiro de 2011 foi realizada a 11ª edição do Fórum Social Mundial em Dacar, capital do Senegal, país africano. Para os africanos, Dacar quer dizer “espaço de liberdade” e os FSMs sempre celebram a luta por este direito fundamental. Este 11.º FSM foi marcado também pela luta pelos direitos da Terra. O presidente da Bolívia, Evo Morales, índio Aymara, tem lutado incansavelmente nas Nações Unidas pelos direitos da Terra. E como chefe de Estado no seu



próprio país, Morales liderou a construção de um programa político gestado pelo povo. A nacionalização dos recursos nacionais, por exemplo, proporcionou mais que quintuplicar os investimentos públicos entre 2005 e 2011.

"Quando os recursos naturais são usados para o povo é possível mudar o mundo. Outro mundo é realmente possível", afirmou Morales. "Assim daremos esperança aos que

vem depois." E a Esperanza Huanda acrescenta: "Ou morre o capitalismo ou morre a mãe-terra."

Evo Morales, conhecendo bem a mensagem de seu povo, reforçou a obrigação de todas e todos em salvar o planeta. Finalizou reconhecendo que todo chefe de Estado deveria ser um porta-voz de seu povo: "Que os presidentes aprendam com os fóruns, como eu aprendi; vocês foram meus professores."

Semana dos Povos Indígenas 2011

Adaptado de texto produzido por Paulo Suess, Roberto Liebgott, Iara Bonin, com edição de Cleymenne Cerqueira.

O Cimi, através da Semana dos Povos Indígenas de 2011, propõe uma reflexão sobre os sistemas de vida experienciados, ao longo dos séculos, por centenas de povos e culturas da América Latina que têm como fundamento o Bem Viver.

O ponto de partida para a reflexão proposta neste ano são os ensinamentos do "bem viver" cultivados pela maioria dos povos indígenas, e, se aprendermos com eles,



Kanela Hokankamekra.
Foto: Diego Janaiã.

quem sabe possamos assegurar vida para todos e para sempre. O "bem viver" é uma forma diferente de organização social, política, econômica, e tem como princípios essenciais as relações de reciprocidade entre as pessoas, a amizade fraterna, a convivência com outros seres da natureza e o profundo respeito pela terra.

Na visão indígena, a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive: ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas e animais, compondo assim

ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor.

O conceito do "bem viver" está na contramão de um modelo de desenvolvimento que considera a terra e a natureza como produtos de consumo. É para sustentar o modelo capitalista que os governos priorizam os megainvestimentos, as grandes barragens, a exploração mineral e as monoculturas que degradam o ambiente, envenenam a terra, as águas e todos os seres vivos.

Desafios ao "bem viver" hoje

O sistema capitalista é incapaz de produzir o bem viver de todos os cidadãos. Consumismo e fome são expressões desse desequilíbrio na distribuição dos bens da terra. Crescimento, expansão e aceleração se tornaram palavras mágicas, apoiadas por tecnologias cada vez mais sofisticadas, a serviço da substituição de trabalhadores. No atual projeto, na aceleração da produção e na acumulação do capital, não se trata apenas de uma manipulação de objetos mortos, uma vez que tudo se converte em recurso e em mercadoria. Capital e produção representam relações sociais mediadas pela exploração e pela alienação, nas quais se estabelece uma lógica utilitarista - tudo é



Yawanawá, Acre, 2008 -Aldeia Nova. Foto de Edvaldo Magalhães

avaliado por seu custo e benefício.

O trabalhador que custa menos para o sistema é aquele que se submete a condições de um trabalho penoso, sem garantias de direitos sociais, fazendo o que a máquina e os computadores ainda não conseguem.

A exploração irracional atinge não só operários, indígenas ou migrantes, mas também a nossa irmã natureza. A devastação de florestas e da biodiversidade coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial a vida dos camponeses e indígenas, que são expulsos para as terras improdutivas e para as grandes cidades para viverem amontoados nos cinturões de miséria.

Para se alcançar a sustentabilidade é preciso diminuir o consumo, sobretudo do que é excessivo e supérfluo, e também reduzir as desigualdades sociais. "As sociedades, especialmente a dos países ricos, consomem na atualidade muito mais do que o planeta pode oferecer a médio e longo prazo" (Campanha da Fraternidade 2011/CNBB).

"Um outro mundo" é possível, no qual se possa conquistar a democracia com igualdade social; o bem-estar material com ampla participação, com a definição de projetos de futuro de longo prazo, e a prosperidade econômica que não seja pautada na acumulação e na lucratividade sem limites. Para isso, será necessário restabelecer os princípios geradores da vida em plenitude, tais como o respeito ao ser humano e à natureza e o elo indissociável entre os seres humanos e a terra, tal como nos ensinam os povos indígenas.

O sonho e a realidade do bem Viver

O "bem viver" é um sistema de vida que se contrapõe ao capitalismo, porque este último se constitui num modelo de morte e de exploração.

O "bem viver", sistema vivenciado pelas culturas indígenas, é traduzido e reinterpretado para se tornar um projeto de vida concreto, capaz de revolucionar nossas maneiras de pensar, nossas formas de interagir com a natureza, e nossas relações humanas. O "bem viver" comporta uma mudança radical com o sistema vigente:

É uma mudança na forma de pensar, que pressupõe considerar o homem como parte na natureza, implicado com tudo o que acontece com a terra, com os animais, com o meio ambiente.

É uma mudança na forma de organizar a vida social, considerando que os interesses coletivos prevalecem sobre os interesses individuais. A base é a solidariedade, pois a vida é vivida em rede, e todos têm necessidade uns dos outros.

É uma mudança nas estruturas econômicas, reconhecendo que o desenvolvimento deve ser pensado para resguardar e potencializar a vida e, assim, não cabem os projetos de exploração abusiva dos recursos naturais e nem aqueles que se baseiam na exploração do ser humano.

É, por fim, uma mudança política, que visa à constituição de uma sociedade fundamentada na justiça, na partilha, no respeito às diferenças sem manutenção das desigualdades.

Suruahá. Foto: Equipe Cimi Norte I



POLUIÇÃO NO EQUADOR

A Justiça do Equador multou a gigante petrolífera americana Chevron em US\$ 8 bilhões (R\$ 13 bilhões) pela poluição de uma área da floresta amazônica equatoriana.



Todo e qualquer petróleo que vaze dos dutos, penetra no solo em profundidade, contaminando e dificultando a reprodução da vida selvagem e inutilizando a terra para o plantio. Foto: Newmy51/ Flickr

Histórico

A companhia multinacional de petróleo e combustíveis Texaco, que se fundiu com a Chevron em 2001, é acusada de ter derramado 68 bilhões de litros de materiais tóxicos em fossas e rios amazônicos no norte do Equador entre 1972 e 1992.

A queixa contra a petrolífera foi feita em nome de um grupo de 30 mil equatorianos, os quais alegam que a poluição afetou suas colheitas, destruiu áreas de floresta, matou animais e provocou um aumento na incidência de câncer na população local.

O julgamento do caso começou em

2003, após quase uma década de batalhas legais nos EUA, relata o correspondente da BBC em Los Angeles Peter Bowes. Na época, uma corte de apelações americana resolveu que o caso deveria ser decidido no Equador.



UADOR MULTADA



Maria Hortencia Punina, de 38 anos, teve suas terras contaminadas pelo petróleo. Sua irmã morreu aos 22 anos, há três anos atrás, intoxicada pela substância. Maria conta que sua vaca e outros animais morreram, depois de cair em um poço de petróleo abandonado. Foto: Caroline Bennett/ Rainforest Action Network

A Sentença

Segundo a sentença, cerca de 5,4 bilhões de dólares serão destinados à recuperação do solo poluído; 1,4 bilhão para a melhoria da saúde pública nas áreas afetadas, 800 milhões de dólares para tratar de pessoas doentes, e 600 milhões para a recuperação de recursos



hídricos. Outros 860 milhões de dólares seriam relativos a custas de advogados e processuais.

Mas os moradores dizem que o valor não cobre os custos de recuperação, e

pretendem recorrer a um tribunal local. "Não é justo para nós, porque as tribos sofreram muito", disse Justino Piaguaje, um dos 47 autores da ação. "Nossas famílias morreram, e nossos rios se deterioraram", afirmou ele.

Precedentes

Ambientalistas dizem esperar que o caso abra precedentes e force as empresas que operam em países em desenvolvimento a cumprir com padrões antipoluição semelhantes aos que obedecem no mundo industrializado.

A Chevron, que teve lucro líquido de 19 bilhões de dólares no ano passado, não possui patrimônio no Equador, e acha improvável que algum dia precise pagar alguma coisa. A empresa pretende impedir a execução da sentença na Justiça norte-americana.

Empresa tem de sobra para pagar

Em um só ano a Chevron lucrou – lucro líquido ou limpo – mais de 2 vezes a multa cobrada por danos causados durante décadas. E os resultados para os equatorianos são doenças, morte e miséria.

Por princípio

Raoni: Líder Txukahamãe e símbolo internacional do movimento de defesa da Amazônia.

No dia 8 de fevereiro, Raoni estava em Brasília com mais cem indígenas da etnia Kayapó. Eles entregaram um manifesto à presidente Dilma Rousseff com mais de meio milhão de assinaturas declarando claramente que os povos indígenas não querem a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte



"Vim para falar que somos contra, que não queremos Belo Monte. Se o governo pudesse me ouvir, queria dizer que não constroem a usina", disse o líder Kayapó. Raoni disse que a construção de Belo Monte vai

destruir a floresta, o rio e deixar comunidades indígenas do Xingu desabrigadas. "Não temos mais espaço. Vocês [homens brancos] já tomaram conta de todas as terras. O governo deveria deixar os índios onde os índios estão. Quero que rios e florestas fiquem para os meus netos e vou lutar por isso".



"Durante muito tempo, o homem branco agrediu nosso pensamento e o nosso espírito. Devem parar. Nossos territórios são sítio sagrado do nosso povo. Nosso espírito indígena diz: parem".

Pela economia

Miriam Leitão: economista e colunista de televisão e jornais.

Na sua coluna publicada no dia 16 de fevereiro, Miriam fala de erros caros do Brasil, que está entrando em encrencas com um "belo monte de equívocos. Belo Monte vai consumir dinheiro demais numa obra cujo projeto não foi avaliado adequadamente



do ponto de vista econômico, fiscal, ambiental e climático". Ela ainda explica que o grupo-chave do consórcio que ganhou a licitação para construir Belo Monte está inadimplente em R\$450 milhões.



Pela lei

Deborah Duprat: vice-Procuradora-Geral da República

A Procuradora criticou o empreendimento da hidrelétrica de Belo Monte por não contemplar um estudo de impacto ambiental que trate do componente humano. Ela se baseia na resolução do Conselho Nacional



do Meio Ambiente (Conama), considerada por ela "visionária" porque "o homem é o centro das preocupações é que se vai analisar primeiro qual é o impacto no meio físico, como isso vai repercutir entre os

animais, entre a vegetação e depois qual é a soma de todas essas repercussões na vida dos homens".

Segundo Deborah Duprat, a Resolução do Conama também estabelece que toda vez que o estudo tratar de recurso hídrico, deve considerar a bacia hidrográfica. Ela disse que não há qualquer estudo sobre a bacia hidrográfica do Rio Xingu. E lembrou que toda essa cautela não é porque a resolução estivesse preocupada com Belo Monte, já que é de 1986, mas porque a água é um recurso estratégico, escasso e em extinção. Para ela, a preocupação é exatamente a de garantir que haja no futuro água para que todos possam matar a sede. "E mesmo que entremos nessa lógica de mercado, talvez



ÃO LO MONTE

ter água e não ter empreendimento seja um grande trunfo”, declarou.

Deborah Duprat também criticou a afirmação de que as hidrelétricas representam a energia limpa. “Como é que pode ser limpo um empreendimento que provoca degrado, fim de relações de compadrio, fim de relações de amizade e desestrutura culturalmente um grupo? Considerar isso uma energia limpa é considerar o meio ambiente absolutamente dissociado das pessoas”. De acordo com ela, isso está em contrariedade à Constituição, que é antropocêntrica e tem como grande princípio norteador o princípio da dignidade da pessoa humana.

Ubiratan Cazetta: Mestre em Direito Constitucional e Procurador da República

O Ministério Público do Pará ajuizou uma ação civil pública ambiental pedindo a nulidade da Licença de Instalação concedida pelo Ibama, para a construção da usina de Belo Monte. Segundo o procurador da República Ubiratan Cazetta a fragmentação da concessão não



encontra bases na legislação brasileira: “Para nós é muito preocupante (a medida) porque entendemos que não existe essa figura, no ordenamento jurídico brasileiro, de uma licença parcial apenas para instalação do canteiro. A licença prévia estabelece



um grupo muito grande de condicionantes que ainda não foi atendido pelo empreendedor”.

Felício Pontes: Procurador da República

“Não existe esse tipo de licença fracionada, parcial, que o Ibama inventou. A concessão só poderia ser feita se as condicionantes fossem cumpridas, o que não aconteceu. Hoje, podemos dizer que o maior infrator ambiental da Amazônia é o Ibama”, disse o procurador Felício Pontes Junior.



Pela ciência

Oswaldo Sevá: professor na área de energia e formado em engenharia mecânica com vasta experiência e estudos sobre hidrelétricas nos Estados do Pará, Rondônia, Pernambuco, Bahia e Paraná.

Sevá alerta que as hidrelétricas não podem ser consideradas fontes de energia limpa, pois não há como produzir nada de forma “limpa”; toda operação produtiva produz resíduos sólidos, líquidos ou gasosos. Mesmo uma hidrelétrica



construída em cima de um solo estéril emitirá vapor d’água por causa da insolação e da evaporação e gases da fermentação da matéria orgânica trazida pelo rio. “Se a represa de uma hidrelétrica tiver vegetação na área alagada, produzirá muitos gases de fermentação, do apodrecimento dessa vegetação, inclusive o gás metano, que é um dos gases que desequilibra o efeito-estufa natural do planeta. Insisto na resposta: não há nada renovável, nada limpo.”



Célio Bermann: professor de pós-graduação em Energia na Universidade de São Paulo

O Professor Bermann coordenou um extenso estudo sobre a repotenciação (= introdução de melhorias técnicas nas usinas existentes, para aumentar a sua produtividade). O estudo mostra que se 70 das 157

hidrelétricas de grande porte do país fossem repotenciadas, o acréscimo em produção de energia atenderia 70% das exigências do PAC. Isso sem construir novas unidades, portanto, evitando os desastres ecológicos.



Além do mais isso poderia ser feito dentro de cinco anos, ao passo que construir novas hidrelétricas levará pelo menos 20 anos. Salva-se a natureza e economiza-se

o dinheiro público, pois repotenciar é bem mais barato que construir. Outra sugestão do Bermann é de fazer manutenção nas redes de distribuição de energia onde 15% da produção é desperdiçada.

Aproveitando biomassa, energia eólica (do vento), energia solar e até as quedas naturais das águas – sem as grandes barragens e lagos – são outras sugestões do Dr. Bermann.



Pela política

A Comissão Mundial de Barragens é uma força política internacional. Ela estudou 125 barragens no mundo inteiro. A sua conclusão é contra a construção das grandes barragens devido aos danos ambientais e os danos para a população.

Aqui no Brasil há um desgaste político grande quando ministros do meio-ambiente e o chefe do IBAMA renunciam ao cargo por pressão sobre Belo Monte desta hidrelétrica; quando a atual Ministra do Meio-Ambiente declara um dia que o IBAMA não sofrerá influência e quatro dias depois manchetes anunciam o início da obra; quando a Funai diz que não há problemas quanto aos direitos indígenas, e quando o Ministério Público tem que intervir constantemente contra a insistência do Executivo em “enfiar” Belo Monte “goela abaixo” ferindo a Constituição.

As empresas do Consórcio responsável pela instalação da hidrelétrica fizeram doações de meio milhão a dois milhões de Reais para a campanha presidencial num total de 11,5 milhões de reais. (Note que, pelo artigo

24, inciso III da Lei 9504/97, é proibida a doação para campanha eleitoral advinda de concessionário de serviço público.)

Pela voz do povo

E isso para não falar das múltiplas manifestações públicas contra a construção desta barragem. Uma das mais recentes foi em 8 de fevereiro de 2011, quando lideranças dos povos Arara, Kayapó e Juruna, bem como representantes de movimentos sociais e demais comunidades atingidas por barragens estiveram na capital, na esperança de ao menos serem recebidos pessoalmente pela presidente Dilma Rousseff. No entanto, mais uma vez o governo se negou a receber os representantes e a dialogar diretamente com eles, preferindo, de acordo com a agenda do dia, despachar tranquilamente no interior do Palácio do Planalto.

Eles trouxeram consigo sua esperança e confiança, a certeza de seus direitos e uma longa carta explicativa para a Presidente Dilma com mais de 600 mil assinaturas. Mas não puderam ser ouvidos e nem mesmo entregar o documento. Os assessores da Presidência, sem poder de decisão, somente afirmavam repassar as solicitações para a Presidente.

Na carta, o grupo pede à presidente Dilma que abandone de vez a idéia de construir Belo Monte. E ainda apresenta uma série de erros e ilegalidades registrados nos licenciamentos da obra. Entre os erros apontados está a falta de identificação dos que serão atingidos pela hidrelétrica, que não considera a relação das populações tradicionais com as florestas, animais e rios.



O Mensageiro já disse e torna a dizer:
O Brasil não precisa de Belo Monte!
O Brasil não deve fazer Belo Monte !

O Rio Xingu – e todos os rios – devem viver para sempre!
Existem outras maneiras de produzir a energia de que o Brasil precisa!

XAKRIABÁ: A BELEZA DE UM POVO E SUA TERRA.

O jornalista Manoel Freitas vem registrando em fotos, há oito anos, o dia a dia do povo Xakriabá, o maior grupo indígena de Minas Gerais. Freitas utiliza máquina fotográfica de filme, considerando a necessidade de "gerar um patrimônio não apenas intelectual, como material" dos Xakriabá.

Gentilmente, ele nos enviou, para publicação, uma série de textos e fotos, de grande valor documental e artístico. Por limitação de espaço, apresentamos apenas uma parte desse material, procurando mostrar a riqueza de um povo pelo olhar de Manoel Freitas.

A Terra Indígena Xakriabá tem seu território localizado no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais, na região do Alto Médio São Francisco. Distante aproximadamente 730 km de Belo Horizonte, tem cerca de 7.000 índios, distribuídos por 29 aldeias ao longo de uma área de aproximadamente 53.014,92 hectares.

Os Xakriabá pertencem ao grupo lingüístico Macro-Gê, divisão Akuê, composto por habitantes das terras entre as bacias dos rios São Francisco, Tocantins,

Araguaia e Rio das Mortes, dispersos numa área que englobaria partes dos estados de Minas Gerais, Goiás e Maranhão. Os grupos às margens do Tocantins seriam os Xerente; os que habitavam as margens do São Francisco, Xakriabá; aqueles às margens do Araguaia e Rio das Mortes, os Xavante. O grupo populacional que hoje se reconhece como o povo Xakriabá resulta de forte miscigenação com outros grupos indígenas,

continua na próxima página



desde o aldeamento nos séculos XVI e XVII, e com brancos, negros, mamelucos, cafuzos e caboclos de vários tipos que, ao longo dos últimos séculos, foram se misturando aos Xakriabá através de matrimônios e outras variadas formas de associação familiar e comunitária. No século XX, os grupos Xakriabá ficaram conhecidos como "grupos de caboclos" que partilhavam com posseiros e retirantes nordestinos as terras condominiais da região.

Se observados de longe, poderiam ser confundidos com outras centenas de comunidades rurais de agricultores pobres dos sertões de Minas Gerais e Bahia. Contudo, não se faz necessária uma análise etnográfica e histórica profunda para perceber que os Xakriabá possuem uma identidade própria e uma aguçada e complexa consciência de sua identidade.

A religiosidade, a posse comum da terra e o apego ao território an-

cestral são apenas os aspectos mais evidentes. Apesar disso, ao longo dos anos, sofreram constante e sistemático questionamento de sua identidade, motivados pelo desejo de que não obtivessem a posse da terra, mas também - e não menos traumático - por não reconhecerem neles as características que o senso comum e o repertório dos "especialistas" atribuem aos índios. Por escaparem às classificações padrão, causando uma desconfiança nos "outros", numa típica crise de alteridade, a comunidade





Jovens Xakriabá em atividade do Centro de Referência em Assistência Social - CRAS: em busca de cidadania.

Xakriabá se vê imersa numa constante re-elaboração de seu papel social e de sua identidade.

A história dos Xakriabá é, antes de tudo, um grande esforço de resistência e adaptação. Resistiram ao Brasil Colonial e Imperial e a suas várias "Repúblicas", ao esforço concentrado e direto dos Bandeirantes, aos ataques de seus inimigos Caiapó, à política oficial das missões e aldeamentos que os forçavam à miscigenação e à catequese, à especulação fundiária, e - mais recentemente - aos ataques dos fazendeiros e da própria Ruralminas, órgão estadual de regulação de terras.

Longe das florestas densas de regiões tardiamente povoadas, descobriram cedo que se achavam no olho de um furacão: habitavam a rota de abastecimen-

to das Minas, no meio do caminho entre as regiões "antigas" mais povoadas - Bahia e Pernambuco - e a nova área de mineração, convertida no principal foco da economia colonial já no início do século XVIII.

Hoje, a comunidade Xakriabá vive um processo delicado de tomada de decisões sobre os rumos e perspectivas a serem trilhados na busca de melhorias e soluções para as difíceis condições de vida de sua comunidade.

A propriedade coletiva da terra e o caráter comunitário das ações e decisões, de um lado, e a inserção múltipla e crescente de seus membros

em instituições e contextos econômicos, políticos e culturais diversos, de outro, levantam questões de difícil compreensão e solução para sua organização sócio-espacial.

Os Xakriabá possuem uma aguçada e complexa consciência de sua identidade. A religiosidade, a posse comum da terra e o apego aos territórios tradicionais são os aspectos mais evidentes.



O tipo de vegetação predominante em território indígena Xakriabá é de cerrado – árvores tortuosas, esparsas e casca grossa para maior retenção da água. A vegetação de caatinga apresenta-se em manchas esparsas, em uma área de transição entre o clima árido e o tropical úmido.

O Espaço

O território que abriga a maior nação indígena de Minas Gerais localiza-se no município de São João das Missões, Norte do estado, no Alto Médio São Francisco, especificamente na microrregião do Vale do Peruaçu. Sua extensão é de aproximadamente 53.014,92 hectares, delimitada pelo Rio Itacarambi, onde existem

pequenos cursos de água temporários e alguns permanentes. Há aldeias que fazem limite com Manga, Miravânia, Montalvânia, Januária e Itacarambi.

A flora do cerrado Xakriabá é riquíssima e apresenta as mais diversas formas de vegetação, desde campos sem árvores - ou arbustos - até o cerrado lenhoso. Na verdade, uma fração importante da savana mais rica do mundo em biodiversidade, com a presença de diversos ecossistemas, e milhares de espécies de plantas.

Em termos de riqueza de espécies, esta flora deve ser superada apenas pelas florestas amazônicas e pelas florestas atlânticas. As principais árvores são pequi, aroeira, juá, jurema, braúna e pau-d'arque. A maior parte da vegetação é nativa, onde se encontram veredas, a mata seca e caatinga, rica em frutos como a cagaita, cabeça de negro, jabuticaba, maracujá, melão de São Caetano e xixá.



Bonito pela própria natureza

Se a maior riqueza de um povo é medida por seu patrimônio natural, os Xakriabá não têm do que reclamar. Em seu território, um fantástico e misterioso mundo subterrâneo evidencia que a nação indígena não poderia ter escolhido lugar melhor para habitar. Esses importantes condutos revelam, além das belezas já catalogadas, um incrível potencial para novas descobertas.

Trata-se de um universo à parte, abaixo de nossos pés, constituído por um dos mais complexos e importantes sítios arqueológicos do país, de incalculável valor científico, histórico e cultural. A reserva indígena corresponde a uma importante área de preservação ambiental que reúne, em seus limites, um grande elenco de sítios e monumentos naturais com reconhecida importância do ponto de vista geológico.

De modo que, por trás da total escuridão das cavernas subterrâneas dos índios, se esconde um sítio arqueológico tão fascinante quanto ainda incógnito, trazendo em sua verdadeira essência muito da história de seu povo.

Rastros dos ancestrais

A arte que se espalha pelo complexo de cavernas Xakriabá indica, muito claramente, que o local foi habitado por populações pré-históricas. E não é preciso ser nenhum especialista para perceber que, mesmo a despeito de inexistir estudos sistemáticos sobre esta manifes-



tação em território indígena, envolvendo aspectos históricos, metodológicos ou técnico-científicos, algumas pinturas levantadas revelam que o povo guarda em seu solo um verdadeiro tesouro.

Nas profundezas do semi-árido mineiro, um vale ainda não conhecido em toda sua extensão preserva fendas, cavernas e verdadeiros jardins emoldurados por rochas. Todo esta riqueza, de beleza hipnótica, há milhões de ano vem sendo emoldurada pelo vento e pelos

O QUE É GEOGRAFIA?

É a nossa aldeia, é o caminho da escola, é a nossa roça, é nossos morros, é as estradas, é as matas, é os animais.

É as pessoas na aldeia, é os rios, é as casas, é nosso território todo.

É a cidade, é o município, é o estado, é o mundo, é o céu, é as estrelas, é o sol.

É todos os fenômenos da natureza, é todos os fenômenos da sociedade.

Enfim, é tudo que nos cerca e que existe no planeta terra e em outros planetas.

José Nunes – Xakriabá



rios, autênticos escultores da natureza.

Só mesmo percorrendo as trilhas da reserva Xakriabá, é que é possível entender um pouco da cultura dos nossos ancestrais, legado que precisa ser preservado para estudo e conhecimento das gerações futuras.

Há cerca de onze mil anos, as populações pré-históricas iniciaram suas habitações na região ocupada atualmente pelo povo Xakriabá, em busca da caça e da pesca. Deixaram suas marcas através das inscrições rupestres nas paredes das grutas e cavernas espalhadas por suas aldeias, com estilos distintos, influenciados por diferentes culturas.

levantes para sua época, transformando as cavernas nos primeiros museus da humanidade, independentemente de seu estilo e materiais usados em sua feitura.

As Casas de Artesanato

Em 2007, a equipe da Universidade Federal de Minas Gerais visitou os locais de produção da cerâmica Xakriabá para onde havia sido sugerida a instalação de Casas de Artesanato. Foram identificados oito locais potenciais, em aldeias que já possuem uma tradição de trabalho com o barro e cujas comunidades já se rear-



Museu da humanidade

A arte rupestre é o nome dado as gravuras feitas em abrigos, cavernas, paredes, tetos rochosos e também em superfícies rochosas ao ar livre. A cor mais antiga usada nestas pinturas, classificadas como "Tradição São Francisco", era o vermelho, extraído da hematita (óxido de ferro). Para obter tons claros ou escuros, aquecia-se a tinta.

Com o tempo, outras cores nasceram de diversas matérias-primas minerais: amarelo (goetita ou kaolinita), branco (cipsita ou kaolinita), cinza (hematita misturada a kaolinita) e preto, extraído de ossos de animais queimados.

Demonstram o alto nível de capacidade de arte do homem pré-histórico, que - com ferramentas básicas - produziu manifestações artísticas bastante re-

ticularam em torno dessa produção - em todos os casos envolvendo - direta ou indiretamente - atividades nas escolas.

Em 2008, ficou definido, em reuniões com as lideranças locais, que as Casas de Artesanato seriam construídas utilizando-se os recursos inovadores que foram previamente implementados na construção da Casa de Cultura, tais como tijolo de solo-cimento, telhas artesanais, entre outros, permitindo, ainda, que o conhecimento adquirido com tais inovações sejam repassados para outras aldeias.

As Casas de Artesanato permitirão que a produção artesanal esteja presente em maior espaço dentro da reserva e, desse modo, esteja mais acessível aos habitantes do território Xakriabá, constituindo fonte de aumento da produção em geral e garantia de renda. Todo esse

processo vem sendo trabalhado em conjunto com os professores de artes e cultura Xakriabá, em uma interface também com o curso de Formação Intercultural de Professores Indígenas.

A força do círculo

A música e a dança estão frequentemente associadas aos índios Xakriabá e à sua cultura. Na aldeia, a importância que a música e a dança têm na representação de ritos e mitos é muito grande, razão pela qual a apresentação dos grupos é cada vez mais freqüente, sendo relevante observar a presença de um número crescente de crianças e adolescentes.



Para os não índios, por força das tradições, sua dança mais importante, o Toré – que como nenhuma outra dança faz parte da cultura de seu povo - não pode ser documentado, mas os rituais públicos não deixam dúvidas de que trazem no seu âmago informações de seus ancestrais.

Portanto, com as danças os Xakriabá dão importante contribuição para preservação de sua cultura e tradição. O



povo mantém ainda outras danças religiosas, como o Batuque.

Os movimentos são expressos, através de gestos que têm significados importantes, especialmente nas danças circulares: a força do círculo é conhecida há séculos, e é um poderoso símbolo de unidade e totalidade. Durante a dança, de mãos dadas, os Xakriabá simbolizam a confiança e o apoio mútuo. Os desenhos e as pinturas Xakriabá estão diretamente ligados à cerâmica e à ornamentação do corpo, normalmente elaborados de forma abstrata e geométrica. E, além das pinturas rupestres e das pinturas corporais, outro tipo de manifestação artística



se revela ao longo das Ideias Xakriabá. Trata-se de pinturas feitas nas paredes das habita-

ções. Algumas contam histórias, outras simplesmente lembram das lutas dos índios por seus direitos.

É interessante observar que estes desenhos são marcantes em praticamente toda a reserva indígena, quer seja na fachada das casas – notadamente nas moradias mais humildes – como nas paredes de escolas, associações e outros prédios públicos. Cada um tem sua linguagem própria, transmite seus recados.

Manoel Freitas, autor do texto original e das fotos nesta matéria.



TIRIYÓ: CELEBR

Na edição n.º 182, publicamos uma matéria do Frei Paulo sobre o povo Tiriyo, Kaxuyana, e Txikiana, na região onde ele trabalha há mais de quarenta anos. Ele contou sobre a criação de búfalos; sobre o retorno dos Tiriyo para sua antiga aldeia, no Kuxaré; sobre a prosperidade dos Tiriyo depois desse retorno. Falou ainda de elementos tradicionais da vida e da cultura deste povo, como a pajelança e o artesanato com cerâmica. Agora, vamos publicar a fala dos próprios índios, conforme carta enviada ao Cimi Norte II.

O texto fala das festas de Natal e Ano Novo na aldeia, festas ocidentais que acabaram incorporadas à cultura destes povos. Eles mantêm o costume antigo, de reunir em uma só aldeia, parentes que moram em outras. É oferecido a todos um grande banquete.

Junto à carta, publicamos fotos tiradas pelo Raul, que é um dos muitos indígenas que servem às Forças Armadas na região. Suas fotos mostram o cotidiano de um povo saudável, como a própria carta diz.

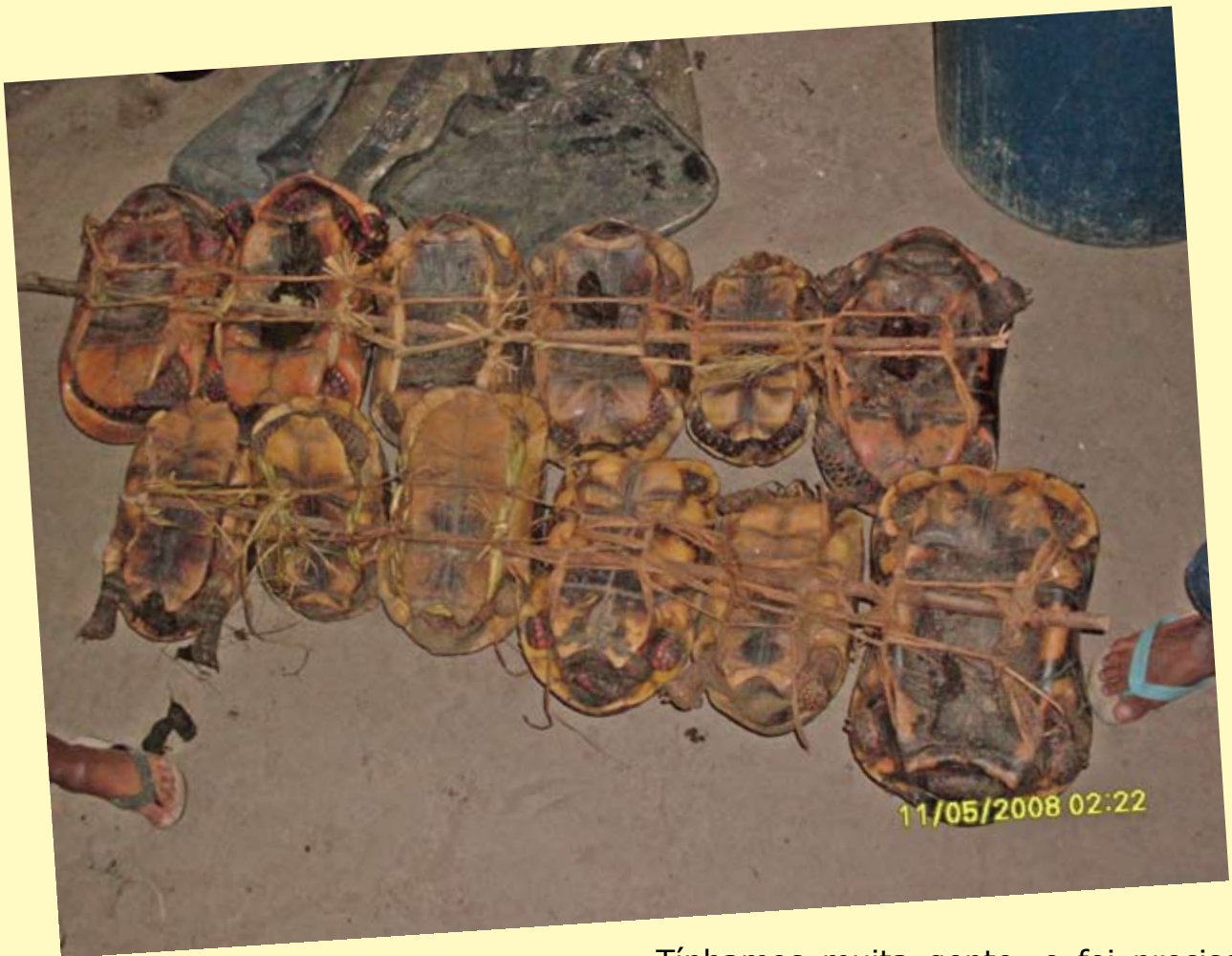


MANDANDO A VIDA

Nós, povo Tiriýó, Kaxuyana e Txikiyana, estamos mandando as nossas notícias para colocar no Mensageiro, porque faz tempo que não sai nossas notícias na revista.

Nós, povos indígenas Tiriýó, Kaxuyana e Txikiyana, extremo norte do Pará, fronteira com o Suriname (antiga Guiana Holandesa), que habitamos em nossas terras indígenas no Parque do Tumucumaque, estamos mandando notícias de nossos parentes e nossas festas de Natal e Ano Novo, agradecemos a Deus com celebrações, danças e brincadeiras. Vieram os parentes de outras aldeias: Pedra da Onça, Tuha- Entu, Orokofa- Nova, Orokofa- Velha, Oroi - Entu, Paruwaica, Ęmetanëpë, Taratarafö, Waipa e Pomoto.





Tínhamos muita gente, e foi preciso matar três bois para fazer churrasco na nossa aldeia, e muitos jabutis, e dançamos muita sakura, a nossa bebida original. O nosso povo Tiriyo, Kaxuyana e Txikiyana mora muito longe da cidade. A cidade mais próxima é Óbidos, a 500 km. Só temos acesso de avião, e não tem outro jeito de chegar lá. Estamos bem de saúde, e alegres. Tivemos uma novidade: nosso bispo Dom Bernardo (prelazia de Óbidos) veio nos visitar, acompanhado do Frei Marconi Lins OFM. Deu esperança de nos ajudar.

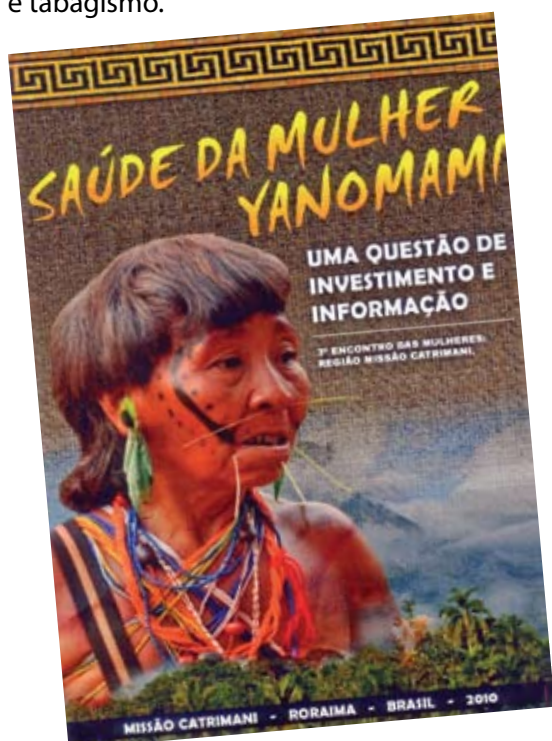
*Penkina Dinarte Tiriyo
Marcelino Sipewnafö Tiriyo*





SAÚDE da MULHER YANOMAMI 3º Encontro das Mulheres: Região Missão Catrimani

Com a estatística alarmante nos registros de pessoas com doenças sexualmente transmissíveis e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (DST/AIDS) e alcoolismo, que já se estende às comunidades indígenas, vê-se a necessidade de promover eventos para alertá-los não só quanto ao comprometimento da saúde, mas também para a vida em comunidade. Além disso, contextualiza-se a necessidade de falar sobre a Prevenção de Câncer de Colo Uterino (PCCU), tuberculose (TB), e doenças oportunistas que acometem pessoas com HIV, alcoolismo e tabagismo.



Por isso, anualmente a Diocese de Roraima promove o encontro das mulheres Yanomami. Os homens Yanomami colaboram para que tudo ocorra bem, providenciam a caça e pesca, alimentos dentro outras necessidades, e participam como ouvintes.

Durante o evento instituições governamentais e não governamentais, funcionários na área de saúde, contratados pela FUNASA e missionários se juntam para este grande mutirão de informação sobre saúde. Tudo produzido durante o encontro serve de subsídio para a elaboração de cartilhas. O relato da preparação e realização deste terceiro encontro está num lindo e bem ilustrado "foto-livro" publicado pela Missão Catrimani.

PROTESTO CONTRA A PRISÃO DE CACIQUE

Zilmar Alverita foi candidata a senadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Ela manifesta seu repúdio à prisão da cacique Maria Valdelice Amaral de Jesus, liderança do povo Tupinambá de Olivença, sul da Bahia, ocorrida na tarde do dia 3 de fevereiro. "Primeiro foi o Cacique Babau, depois seus irmãos Givaldo e Glicélia, agora foi a vez da Cacique Maria Valdelice (Jamopoty)".



Maria Valdelice

Esta prisão demonstra a perseguição e o processo de criminalização que as lideranças dos indígenas no Sul da Bahia vêm sofrendo.

Zilmar enfatiza: "Acusar alguém que luta pela retomada de seu território tradicional dos crimes de esbulho possessório (art. 161 §2º, II CP), formação de quadrilha ou bando (art. 288 CP) e exercício arbitrário das próprias razões (art. 345 CP) é inaceitável. Ser uma mulher líder de um povo é crime? Agir coletivamente, marco tradicional de todos os povos indígenas, virou formação de quadrilha? Lutar por direitos negados pelo Estado virou exercício arbitrário das próprias razões? Não aceitamos as acusações e vamos usar de todos os meios ao nosso alcance para denunciar esses absurdos e lutar pela libertação da cacique Maria Valdelice".



Zilmar Alverita

Ela conclui: "Esta é uma luta de todos os brasileiros, de todas as etnias. É preciso mais que urgente que todos os cidadãos brasileiros somem forças para cobrar que esta dívida seja definitivamente paga com a demarcação dos territórios tradicionais".

MPF PRESSIONA POR DEMARCAÇÃO

No início de fevereiro o Ministério Público Federal enviou recomendação ao presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Márcio Meira, para que dê prosseguimento aos estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Cobra Grande em Santarém.

Os trabalhos de levantamento para demarcação da Terra Cobra Grande, que abriga os povos indígenas Arapium, Tapajó e Jaraki, foram iniciados em 2001, quando a Funai criou o primeiro grupo técnico para a tarefa. Em 2008, foi criado o grupo técnico para identificação e delimitação das terras, sem que se chegasse a uma conclusão.

A demora na conclusão da demarcação vem trazendo riscos à sobrevivência dos povos indígenas que habitam na área. Eles vêm se deparando com invasores interessados em plantar soja, criar gado, retirar madeira ilegalmente e praticar caça e pesca predatórias.

Além disso, inúmeros são os conflitos entre indígenas e não indígenas. Os casos de violência e discriminação contra os índios são tantos que o MPF já pediu até abertura de inquérito à Polícia Federal.

Além de invasores, outro problema surgiu para os indígenas, com a demora na demarcação: o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) criou um assentamento agroextrativista que se sobrepõe às terras dos índios.

A recomendação é uma forma de atuação extrajudicial do MPF, para assegurar que autoridades públicas ou entidades privadas cumpram com seus deveres legais. Se não for respondida dentro do prazo estabelecido, pode dar início a um processo judicial.



TRAPALHADAS DO GOVERNO PAULISTA

Há seis meses a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo lançou um concurso visando à seleção de projetos de "Promoção Da Continuidade Da Cultura Indígena" para apoio cultural. Mais de 50 entidades se habilitaram para disputar o financiamento. Dentre os projetos apresentados foi contemplado o projeto intitulado "Fortalecimento da Tradição Guarani", apresentado por Didaco Jexaka Fernandes.

O Projeto identifica claramente que será realizado na Aldeia Parnapoã, no município de São Vicente. Esta aldeia se localiza dentro do Parque Estadual do Xixová.

A surpresa e frustração veio quando, depois de a Secretaria de Cultura ter aprovado o projeto e liberado a verba, o Governo do Estado de São Paulo, através da Secretaria do Meio Ambiente proibiu a realização do projeto!

Nem Dedé, Didi, Muçum e Zacarias conseguiriam fazer trapalhada tão grande...

PRISÕES EM TERRAS INDÍGENAS

A Polícia Federal invadiu a aldeia do Povo Wassu Cocal, em Joaquim Gomes, AL, cumprindo cinco mandados de prisão, busca e apreensão expedidos pela 7ª vara da Justiça Federal. Foram presos três indígenas, que não tiveram os nomes divulgados pela PF. Quem comandou a operação foi o delegado Políbio Brandão, que junto com mais 16 agentes da PF aterrorizaram a tranquilidade da aldeia.

Dessa vez a acusação é de venda de bebida alcoólica dentro da aldeia e venda de derivados de petróleo sem autorização. Desde 2009, as prisões de indígenas têm se intensificado no Brasil e uma lei do governo federal desde 2010 legitima a ação policial dentro das Terras Indígenas e Aldeias, o que favorece as arbitriedades.

Em 2009 a Polícia Federal invadiu aldeia Tupinambá, no sul da Bahia, os agentes chegaram na aldeia atirando, vários indígenas foram feridos com balas de borracha, além de ferimentos pelas armas de fogo, os agentes ainda torturaram indígenas dentro da aldeia.

Os indígenas presos em Alagoas foram levados para a sede da superintendência da PF em Alagoas, no bairro de Jaraguá, Maceió.

O jornal eletrônico "Trocano" é mais um veículo a serviço da causa indígena. A versão completa está disponível em <http://www.coiab.com.br/boletim.php>

PARLAMENTO SURUÍ: fazendo política

Em 14 de fevereiro, o povo Paiter Suruí elegeu os representantes que farão parte do primeiro parlamento indígena do Brasil

O Parlamento Suruí será o principal responsável por promover o diálogo entre os clãs Gameb, Kaban, Makor e Gamir, que formam o grande povo Paiter. Almir Narayamoga Suruí, que é o líder maior do povo, esclarece: "O Parlamento Suruí vai discutir com todo o povo Suruí a regulamentação da Terra Indígena Sete de Setembro".

A Terra Indígena Sete de Setembro, com 1200 habitantes, em uma área de quase 250 mil hectares localizados nos municípios de Cacoal-RO e Aripuanã-MT, é morada dos Paiter Suruí.

Esta Terra Indígena enfrenta a ameaça constante da invasão de madeireiros e caçadores ilegais. A falta de alternativas econômicas sustentáveis, de respeito pelos direitos indígenas e de uma política indigenista adequada por parte do Governo Federal também é um agravante. Entretanto, com todos esses problemas, os Paiter Suruí mantêm suas tradições, o que lhes permite interagir com outros grupos Tupi-Mondé, do qual também fazem parte.

Segundo Júlio Suruí, a criação do Parlamento retoma uma política de governança que os Paiter Suruí tinham antes do contato com a sociedade envolvente e que vinha se perdendo com o impacto do mundo externo. "Hoje os 10 líderes que compõem o parlamento vão subsidiar a política de desenvolvimento e implementação de programas criados pelo plano de gestão do território da T.I Sete de Setembro, o que também vai contribuir democraticamente, não

só com a sociedade brasileira, mas também com outras populações tradicionais."

A cerimônia de posse dos Labiwayey Paiter, que compõe o Parlamento Suruí aconteceu no dia 15 de fevereiro, e teve a presença de vários aliados da causa indígena, e também a cobertura da mídia nacional e até internacional.

Para Marcos Apurinã, coordenador geral da COIAB, que foi um dos convidados para o ritual de posse do Parlamento Suruí, essa é uma construção de um novo espaço



de diálogo entre o povo Suruí. "Uma realidade única. Para a COIAB a criação de um parlamento indígena neste país é um grande avanço, acima de tudo, é uma forma de dizer para a sociedade brasileira que nós também somos capazes de nos articular politicamente. Essa é uma prova de autonomia em busca da sustentabilidade. Assim vamos criar um mundo para todos e de todos".

*Texto: Diego Janatã, assessor de comunicação da COIAB
FOTO: Associação METAREILÁ*

Povo Awá-Guajá sofre com o desmatamento.

A destruição da Amazônia Maranhense está pondo em risco o povo Awá-Guajá. Os



Sônia Guajajara

Awá-Guajá ainda tem uma parte de sua população de uns 400 indivíduos vivendo de forma autônoma e livre nas matas daquele estado dependendo única e exclusivamente dos recursos naturais para a sua sobrevivência. Já mais de 30% de território indígena é devastado por madeireiros e criadores de gado.

De acordo com Sonia Guajajara, vice-coordenadora da COIAB, é importante que seja feita uma campanha conjunta de combate ao desmatamento na região. É preciso denunciar todos os envolvidos que são beneficiados com o desmatamento. "Para nós, povos indígenas, esta é uma situação alarmante. Estamos muito preocupados com o avanço do desmatamento na Amazônia. A pecuária dos grandes latifundiários, a soja dos estrangeiros, o eucalipto das siderúrgicas, são grandes males que vem castigando o Maranhão

e os povos indígenas. Os grandes projetos como a construção de rodovias e o Projeto Carajás são os responsáveis pelo genocídio praticado contra o povo Awá-Guajá", revela a guerreira.

A liderança maranhense explica que essa ânsia pelo dinheiro, pelo progresso desvairado sem consciência à necessidade de termos a floresta viva, de pé, é um reflexo da tirania dos governos dos coronéis que há anos empobrece o povo maranhense.

Texto: Diego Janatã



Foto: Diego Janatã



Uma publicação a serviço dos povos indígenas e da Amazônia.

ASSINATURA ANUAL:

Não-índio: R\$ 30,00

Índigena: R\$ 15,00

Apoio: R\$ 60,00

EXEMPLARES AVULSOS: R\$ 3,00

Marque aqui o seu tipo de assinatura:

- Nova
- Renovação
- Índigena
- Apoio

Pagamento

- Cheque Nominal
- Depósito Bancário

Em: ____ / ____ / ____

Depósito Bancário:

Banco Bradesco Agência **3109-7**

Conta Corrente **135641-0**

Em nome de **Conselho Indigenista Missionário**

Para fazer assinatura do Mensageiro, preencha o cupom no verso desta página, e envie para o endereço abaixo.

Editora Mensageiro
Caixa Postal 41
66017-970 Belém, Pará

fone: 091- 3252 - 4164
Fax: 091- 3252 - 2312
E.mail: cimiblm@amazon.com.br

Na Sala de Aula

Cara professora, caro professor: ao ler os artigos do Mensageiro com seus alunos, proponha atividades de acordo com o nível e capacidade deles, adaptando aos recursos na sua aldeia e escola.

Um Relacionamento de Ternura – pp 3-5

1. Para debater ou fazer uma redação:

- Quais são as mudanças no clima que você tem observado nos últimos anos?
- Pergunte aos seus parentes mais velhos o que eles têm observado nestes anos?
- Como é que devemos relacionar com a Terra e com os outros seres que existem nela?

2. Faça um desenho sobre este assunto.

3. Debater ou faça uma redação:

- Evo Morales é o primeiro chefe de estado indígena. O que sabe sobre ele e sua atuação na Bolívia?
- O Fórum Social Mundial este ano foi realizado em Dacar, Senegal. Fale sobre a finalidade deste evento.

4. Pesquisar na biblioteca ou no internet:

- Onde fica o Senegal? Como é este país? Que línguas são faladas lá?
- A Semana dos Povos Indígenas acontece em abril. De que vai tratar este ano?
- Como você e sua comunidade podem celebrar bem a Semana dos Povos Indígenas?



Poluição no Equador multada – pp 6-7

1. Este artigo fala da poluição feita pelo petróleo. Existe poluição na sua área? E em torno dela? Fale sobre isso. Faça cartazes a respeito. Conscientize a comunidade sobre a necessidade de combater a poluição.



Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____ Fone: _____

CEP: _____ Cidade: _____

Estado: _____ País: _____

Importante: Envie por fax ou correio – junto com o cupom preenchido o comprovante (ou cópia) do seu depósito

Belo Monte – pp 8-10

1. Ler o artigo juntos. Faça um debate sobre o assunto de energia. Podem preparar para o debate pesquisando nos Mensageiros passados, na internet, com os professores. No debate, um lado argumenta em favor da construção de barragens e outro lado argumenta contra Belo Monte e outras barragens.
2. Pesquise sobre outras barragens pelo Brasil e pelo mundo. (p.ex. Rio Madeira, Rio Tapajós)



Xakriabá – pp 11-17 e Tiryó – pp 18-21

1. Examine bem as fotos e leia bem sobre os povos Xakriabá e Tiryó.
 2. Anote o que têm em comum com seu povo e o que têm de diferente.
 3. Faça desenhos ou junte imagens da sua aldeia, das plantas e animais, e compare com os dos Xakriabá e Tiryó.
 4. Num mapa do Brasil, marcar o lugar dos Xakriabá e dos Tiryó.
 5. Faça um mutirão com toda a comunidade para escrever sobre seu povo. Mande junto com fotos e desenhos para o Mensageiro para que todos possam conhecer o seu povo.



COIAB informa – pp 24-25

1. Parlamento Suruí: Debater com colegas e professores formas de governo e o papel do parlamento. Comparar diferentes jeitos dos povos governarem-se. Como é na sua comunidade? Houve mudanças recentes? Escreva algo sobre isso.
2. Desmatamento e os Awá-Guajá: Leia bem as palavras de Sônia Guajajara. Quais são as ameaças à terra e à vida do seu povo? O que o povo, especialmente os jovens estudantes, pode fazer para combater esta situação?



Rápidas – pp 22-23 Preencha os espaços com a palavra certa.

1. Em fevereiro o Ministério _____ recomendou ao presidente da FUNAI _____ que desse prosseguimento a identificação e _____ da Terra Indígena _____ que abriga os povos _____, _____ e _____.
2. Pela terceira vez, as mulheres _____ fizeram um encontro sobre saúde. É um grande mutirão de informação sobre saúde. A _____ promove o encontro e os homens Yanomami ajudam com _____, _____, e outros alimentos. O assunto principal deste 3º encontro foi _____.
3. Na, Bahia a cacique _____ foi presa por vários “crimes” que são na realidade maneiras de justa reivindicação de seus direitos. Quem fez veemente defesa da cacique, apontando a criminalização de lideranças, foi _____, candidata a senadora pelo _____.
4. Também em Alagoas membros do povo _____ foram presos pela Polícia Federal numa maneira que aterrorizou a tranqüilidade da aldeia.
5. No estado de _____ a Secretaria de _____ premiou um projeto indígena com financiamento, mas a Secretaria do _____ proibiu sua realização! Que trapalhada!



MULHER

Mulher, vem lutar por teus direitos!
Te organiza e começa a participar!
Mulher, vem entrar nessa História
Pois está chegando a hora da mulher se libertar.

Por muito tempo a mulher viveu calada
Isolada de toda organização
Mas hoje em dia a coisa está diferente
Participa e fica à frente de qualquer uma direção!

Nazaré Flor

(Apiques/Assentamento Maceió - Itapipoca-CE)